

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH
CURSO DE PSICOLOGIA

CRISTIANO SOUSA CORREIA

PSICOLOGIA E SUICÍDIO NA LITERATURA: da experiência de ensino ao estudo
bibliográfico

São Luís

2019

CRISTIANO SOUSA CORREA

PSICOLOGIA E SUICÍDIO NA LITERATURA: da experiência de ensino ao estudo
bibliográfico

Monografia apresentada ao curso de Psicologia
da Universidade Federal do Maranhão -
UFMA, como requisito parcial para obtenção
do grau de Bacharel em Psicologia.

Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba -
Orientador

São Luís

2019

CRISTIANO SOUSA CORREA

PSICOLOGIA E SUICÍDIO NA LITERATURA: da experiência de ensino ao estudo
bibliográfico

Monografia apresentada ao curso de Psicologia
da Universidade Federal do Maranhão -
UFMA, como requisito para obtenção do grau
de Bacharel em Psicologia.

Examinado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba (Orientador)
Doutor em Psicologia Social
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Júlia Maciel Vasquez
Doutora em Psicologia
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Ms. Graco Silva Macedocouto
Mestre em Psicologia
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que direta ou indiretamente me ajudaram a concluir mais esta etapa de minha vida, em especial a Deus, a minha mãe, Miriam, e a minha esposa, Carol.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo estabelecer relações possíveis entre a Psicologia e a Literatura para a compreensão do fenômeno do suicídio evidenciando o modo como autores tentantes ou não de suicídio apresentam textualmente seu sofrimento. Buscou-se também, a partir da vivência como professor de Literatura compreender como os discentes mostravam-se afetados pelos textos dos autores tentantes ou não de suicídio. Nesse sentido, o trabalho discute a mediação simbólica da linguagem como via principal de diálogo entre o mundo e as experiências pessoais, sejam elas emocionais, cognitivas e técnicas. Estar no mundo e atuar nele implica um posicionamento dentro do campo da linguagem e intencionalmente demarcamos um espaço de expressão de sentimentos, ideias e ações historicamente situadas via dimensão afetiva. Este estudo teórico é resultado da necessidade de compreensão acerca da contribuição que a Literatura, enquanto espaço de linguagem repleto de possibilidades, pode dar à Psicologia no que tange o fenômeno do suicídio. Leva-se em consideração a leitura de trechos de obras de autores que cometeram suicídio, as manifestações deste fato na sua produção e como o leitor seria possível pensar os efeitos da interação do leitor com este tipo de literatura impactando sua subjetividade por meio da leitura. Para atingir os objetivos, a metodologia utilizada foi uma pesquisa de cunho qualitativo desenvolvida a partir de um levantamento bibliográfico, documental e no meio virtual tendo a orientação epistemológica, teórica e caminho metodológico pautado na fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938).

Palavras-chave: Psicologia. Literatura. Suicídio. Subjetividade.

ABSTRACT

Keywords: Psychology. Literature. Suicide. Subjectivity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 PSICOLOGIA E LITERATURA	10
3 O FENÔMENO DO SUICÍDIO NO BRASIL	19
4 O SUICÍDIO NA LITERATURA	25
5 O LEITOR: a construção da subjetividade por meio da leitura.....	35
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

Como licenciado em Letras – habilitação em língua portuguesa e língua francesa – meu interesse pela Literatura sempre foi aguçado. Soma-se a isso o exercício como professor de Literatura do nono ano do ensino fundamental e de todo o ensino médio na rede particular de escolas no município de São Luís que permitiu que eu ampliasse as relações entre o ensino de literatura e a Psicologia. Como acadêmico de Psicologia, encontrei desde quando cursei a disciplina de Teorias da Consciência o interesse em conhecer mais sobre a existência humana, principalmente com uma atitude e com um método científico não-experimental, a atitude fenomenológica e o método fenomenológico. Ambos permitiram perceber que a literatura é um modo não convencional, porém legítimo de dialogar, conhecer e desvelar as vivências humanas.

Por meio dos estudos em Fenomenologia, tive a possibilidade inicial de associar minhas vivências de professor com o estudo da literatura, visto que iniciei a apresentação de obras de escritores que abordagem as “mazelas” humanas.

Como professor de literatura seguindo as diretrizes do currículo e o Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s é exigido a apresentação de questões históricas, movimentos literários, etc.. A experiência de apresentação destas obras aos estudantes causou neles impactos diversos e, muitos deles, durante as aulas logo se identificavam com as histórias e os enredos ali apresentados e, alguns deles, fora do horário de aulas chegavam até a mim para conversar, desabafar e falar de como aquelas histórias se “pareciam” com as deles. Percebi no exercício da docência que os temas apresentados causavam impacto nos estudantes, impacto este não ocasionado pela literatura. Ela apenas permitiu o encontro dos estudantes com suas próprias dores, já que alguns alunos encobriam suas questões existenciais pelo conteúdo acadêmico exigido nas escolas, mas ao entrarem em contato com a literatura, alguns deles, eram mobilizados, mexidos e revelavam sofrimentos que estavam encobertos.

Alguns destes alunos inclusive já relataram para mim que praticavam automutilação e outros por não darem conta da sua dor existencial, acredito, cometeram suicídio. E muitas vezes, se que seus pais e responsáveis dessem atenção ao que era dito. Uma outra questão que surgiu nestas vivências é o fato de que das cinco escolas que trabalhei/trabalho a presença do psicólogo não é frequente. A maioria destas escolas têm a figura do pedagogo.

Essa vivência como professor acirrou meu interesse por investigar as interfaces e os diálogos possíveis entre a literatura e a psicologia. Esse foi o estopim que permitiu que eu buscasse investigar o tema do suicídio na literatura.

A presente pesquisa tem por objetivo estabelecer relações possíveis entre a Psicologia e a Literatura para a compreensão do fenômeno do suicídio. Investigando assim, como na Literatura é referenciado o fenômeno do suicídio, objetivando por em destaque as motivações dos autores. Desse modo, também é preciso que se compreenda como pode a literatura ser um modo de expressão do sofrimento humano, fato este possível de ser percebido, pois existem “muitos” escritores que versaram sobre suas dores e cometeram suicídio.

Para atingir o objetivo central, os seguintes objetivos específicos foram elencados: a) Identificar as vivências descritas por autores suicidas em suas produções literárias; b) Investigar aspectos conceituais, comportamentais do suicida e os desafios na prevenção do fenômeno suicídio; c) Analisar o suicídio enquanto temática autobiográfica e expressão literária; d) Discutir a identificação e construção de sentido feita por leitores de textos literários que tematizam o suicídio explicita ou implicitamente.

Para atingir os objetivos acima a metodologia utilizada foi uma pesquisa de cunho qualitativo e desenvolvida a partir de um levantamento bibliográfico, documental e no meio virtual tendo a orientação epistemológica, teórica e caminho metodológico pautado na fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938). O caminho metodológico utilizado foi a visão direta do fenômeno para a investigação em profundidade, descrição e evidenciação dos achados que apontaram caminhos para pensar como tentantes suicidas e suicidas descrevem suas vivências e/ou os motivos que os levaram a cometer o suicídio.

A Fenomenologia enquanto atitude e método de rigor (não-naturalista e não-científico experimental) propõe a utilização dos passos do método fenomenológico, a saber: epoché (suspensão de juízos), redução eidética (a fim de encontrar a estrutura invariante, ou seja, as essências) e a redução fenomenológica (retorno ao pesquisador para identificação das conexões de sentido) e do uso da imaginação variativa para acessar, descrever e analisar os fenômenos.

No caso em questão, o universo da pesquisa foi composto por um conjunto de obras raras, artigos de periódicos (impressos e eletrônicos), livros, enciclopédias, verbetes, dicionários, coleções nacionais e internacionais (traduzidas ou não) que forneçam os subsídios para a sistematização da proposta da presente pesquisa. Este universo da pesquisa por literaturas que tinham como tema central o suicídio de autores da literatura brasileira e internacional. Foram excluídas obras que não tratavam diretamente do fenômeno do suicídio e escritas em espanhol, inglês ou francês. O levantamento, a esquematização e os fichamentos realizados possibilitaram a produção textual tendo como base os resultados observados.

Diante disso, o material coletado, para análise e será submetido a leitura, sublinhamento, esquematização para elaboração das sínteses, detalhadamente os procedimentos seguidos foram: a) leitura exploratória que permitirá explorar e posteriormente analisar quais fontes escolhidas para a síntese. Logo após houve uma leitura seletiva, com o intuito de selecionar os conteúdos que terão validade à pesquisa. E então foi realizada uma leitura analítica a fim de organizar e sumarizar as informações contidas nas fontes; b) a partir do levantamento dos conteúdos da literatura existente sobre o tema as evidências foram sistematizadas e analisadas para descrição e representação dos resultados e conclusões.

2 PSICOLOGIA E LITERATURA

Os poetas, com toda sua condição sensível e sua capacidade de perceber o mundo de maneira mais intensa, acabam por potencializar suas emoções, sensações e também dores. Levando em consideração que o suicídio é uma forma extrema de aliviar a dor, podemos entender a quantidade significativa de poetas que recorrem a tal ato. Quando a arte, a literatura, mais precisamente, a palavra não é mais suficiente para significar em *verbum* as dores e os sofrimentos emocionais, recorre-se ao suicídio como um veredito final.

O suicídio para alguns também é uma forma poética de privação, de ruptura com o tempo presente, evitando a perpetuação de uma contínua decepção que fatalmente não se deslocará. A morte é vista, portanto, como um ato de protesto, de renúncia poética e literal, um ato de rebeldia. Tal postura é nítida na escrita de Maiakoviski, como o mesmo afirma “interromper o tempo decrépito”.

A Poesia é capaz de, como uma vitrine opaca, apresentar e ao mesmo tempo não revelar nitidamente o que está por detrás daquela barreira de vidro a que podemos chamar de vida. Tal possibilidade não é a única, tendo em vista as diversas funções da Poesia, mas uma possibilidade muito pungente para poetas que recorrem ao suicídio. Jacobson a respeito disto elabora uma pergunta retórica que mais responde que pergunta tal questão: “Será que alguém não teria hoje a sensação de que os livros do poeta são um roteiro por meio do qual ele representa o filme da sua própria vida?” (JACOBSON, 2006, p. 17).

O sofrimento emocional pelo qual alguns passam de maneira mais aguda, busca maneiras de se expressar, de dar indícios da sua existência, seja na expressão corporal, seja explicitamente em uma conversa ou de maneira obtusa através dos descaminhos da Poesia. Levando em consideração tal perspectiva a Psicologia deve reconhecer as produções artísticas, especialmente os poemas, como manifestações simbólicas daquilo que é difícil nomear. Os poetas, por seu natural pendor para o uso sofisticado da linguagem, conseguem elaborar através da via conotativa aquilo que causa dor, mesmo que tal expressão não seja garantia de melhoras ou de compreensão por parte do outro.

...eu, mancando com a alminha/irei para o meu trono/com os buracos das estrelas pelas abóbadas celestes gastas./Deitarei, claro,/em roupas de linho,/no leito macio de/estrume verdadeiro, e silenciosamente,/como os joelhos que beijam os dormentes, a roda da/ locomotiva abraçará o meu pescoço (JACOBSON, 2006, p. 31).

Maiakoviski ao longo de toda sua produção acena para seu leitor simbolicamente revelando o suicídio como uma possibilidade, até então, metafórica, mas que posteriormente se efetivaria na vida concreta.

Diferente de Maiakóvski, Sylvia Plath, poetisa norte-americana, escolhe o fazer poético como uma estrada para a reconstrução do eu, da ressignificação das suas experiências passadas, como a morte do pai, e do comprometimento com um futuro diferente. Antes de expressar explicitamente as temáticas do suicídio, apresenta um olhar de busca da felicidade, uma tentativa de ampliar seus horizontes contemplando a dor e a beleza no gesto da criação através da escrita. A poesia então, é alçada a um patamar mais elevado, mais que sintomático, torna-se um motivo forte para continuar vivendo.

“Minha felicidade depende de arrancar um pedaço da minha vida, um fragmento de aflição e beleza, e transformá-lo em palavras datilografadas numa página? Como ele poderia entender que *justifico minha vida* (grifo nosso), minhas emoções ardentes, meu sentimento, ao passa-lo para o papel?” (PLATH, 2004, p.8 *apud* AMARAL, 2018).

A mediação simbólica da linguagem é a via principal de diálogo entre o mundo e as experiências pessoais, sejam elas emocionais, cognitivas, técnicas. Estar no mundo e atuar nele implica um posicionamento dentro do campo da linguagem e intencionalmente demarcamos um espaço ideológico, um momento histórico e uma dimensão afetiva.

Para a Psicologia a linguagem é um elemento muito caro no estabelecimento de um vínculo entre a pessoa atendida e o psicólogo e, a saúde, desta relação, está diretamente ligada à manutenção deste espaço de linguagem. A literatura neste sentido, também serve de mediadora simbólica entre o mundo e as experiências do poeta, por exemplo e os sentidos provocados pela construção do texto e pelo contexto no qual está inserido nos dá pistas do sujeito que o escreve e se escreve na medida em que caminha pelas veredas desta arte. O diálogo entre tais campos de compreensão da existência humana torna-se profícuo e profundo, pois abre espaços alternativos para um olhar mais atento, mesmo que as maneiras de lidar com a linguagem sejam distintas.

Rodrigues (2011) critica o “absolutismo” científico no que tange sua importância como conhecimento válido e objetivo para conhecimento das diversas dimensões da vida humana. Porém, ressalta a relevância, também, dos discursos poéticos, artísticos e literários como maneiras legítimas de alcançar as vicissitudes da experiência humana. Ainda sobre estas formas de objetivação da vida através da linguagem, Rodrigues (2011) afirma:

Embora procedendo de intencionalidades diferentes, trata-se, por conseguinte, de processos igualmente objetivantes, uma vez que procedem do recorte, por parte da imaginação reflexiva, no fluxo indiscernível e contínuo da experiência subjetiva, de objetos da experiência, isto é, de unidades discretas que são consideradas relevantes, tendo em conta as diferentes circunstâncias que pro-vocam (de *vocare* – chamar – e de *pro-* para fora) ou estimulam esse processo”.

A supervalorização do discurso científico advém do seu valor objetivo de descrição da experiência humana, logo, qualquer outro discurso que não se enquadra nos parâmetros ideológicos e metodológicos da Ciência são desprezados ou diminuídos de sua capacidade de perscrutar dimensões mais profundas e complexas dos seres humanos. Porém Rodrigues (2011) esclarece:

Não podemos dizer, em rigor, que o discurso científico é objetivo e que as outras modalidades de discurso são subjetivas, uma vez que qualquer discurso, científico ou não, procede de um trabalho de objetivação, de colocação (*jectum*) diante (*ob*) de constituintes da experiência subjetiva daquilo que estava previamente colocado (*jectum*) por debaixo (*sub*), *do que é suposto (sub-positum)*.

Apesar do método científico e de todo seu aporte e ferramentas que o sustentam num lugar de prestígio em nossa sociedade, o discurso literário tão relevante quanto ele para a compreensão e o desvelamento de experiências humanas. Inclusive, ambos partem do estranhamento, do que chama a atenção e salta aos olhos, diferenciando o trajeto pelo qual o sujeito se projeta e o uso que é feito da linguagem enquanto esta mediadora das relações entre o homem e o mundo.

O diálogo entre metodologias racionalmente controladas e saberes que não caminham por vias racionais é salutar, pois formam um arcabouço teórico consistente para a reflexão sobre as mais diversas relações humanas e os impactos que estas relações causam no sujeito. O suicídio passa a ser assim um fenômeno que possui expressividade para debates científicos, mas também relevância para expressões literárias.

A Psicologia em suas diversas fases e por meio dos diversos aportes teóricos tentou (e ainda tenta) lançar luz sobre as questões que envolvem o sofrimento psíquico. Algumas vezes buscou auxílio na Psiquiatria patologizando o sofrimento, dando nome, elencando sintomas, quantificando e racionalizando o fenômeno. Outras vezes por meio dos testes buscou de maneira precisa compreender as dinâmicas psíquicas que regem o sofrer. Independente da maneira como é abordado, o sofrimento psíquico deve ser encarado como produto da relação homem-mundo e se expressa através de uma linguagem própria, seja no campo das relações afetivas, no campo do trabalho, no campo familiar e também no campo artístico. Segundo Ewald (2011) o sofrimento psíquico “não é necessariamente uma doença ou um transtorno” e o saber psicológico pode se aproximar do mesmo através da Literatura, devido sua possibilidade ampla de significação e representação de aspectos emocionais.

O mal-estar, típico da existência humana, pode ser vislumbrado das mais longínquas fases da história da humanidade. As relações entre o homem e o mundo requerem

posicionamentos, reflexões, escolhas e naturalmente perdas. Neste processo o sujeito deve se a ver com as questões que envolvem suas condição de ser-no-mundo e significá-las por meio da linguagem tornando seus sofrimentos visíveis para si e para os outros. É impossível pensar este processo sem levar em consideração o contexto histórico e o *zeitgeist* como elementos que integram o sujeito na sua mais profunda composição. Profundas decepções ideológicas oriundas de incoerências entre grandes projetos de transformação social e suas efetivas implementações causaram intensos sofrimentos e frustrações ao longo dos séculos.

A Revolução Francesa com suas promessas de *Liberté, Egalité, Fraternité* que nortearam o grito dos ativistas em prol da democracia liberal, aprofundou o sistema de exploração do homem pelo homem. Esta quebra de ideário refletiu simbolicamente em uma das mais consistentes fases da Literatura, levando a um período de profunda decepção e escapismo.

Os poetas ultrarromânticos expressaram em suas produções o sofrimento pelo qual estavam passando, sofrimento este que levou inúmeros destes poetas ao suicídio como forma última de escapar desta realidade opressora. Mais recentemente o poeta russo Maiakóvski, decepcionado com a Revolução Russa e a deturpação dos ideais previstos antes de sua implementação, recorre ao suicídio como último ato de rebeldia. Seus poemas já sinalizavam uma postura suicida e seu lirismo desprendido da vida apontava para o fim trágico.

Na Modernidade a fragmentação do sujeito e estilos de vida não saudáveis abrem e sedimentam espaços para problemas de ordem psíquica que se naturalizam devido à alta recorrência. A ansiedade, a depressão e o consumismo fornecem um panorama relevante para compreendermos as relações que estabelecemos com os outros e com o mundo (EWALD, 2011).

O sofrimento emocional é elevado a um estado doentio e expresso significativamente em nosso cotidiano através das práticas ligadas ao corpo, à aquisição de bens materiais, aos fenômenos artísticos. As incertezas e inconstâncias se agravaram e aprofundaram uma crise que tem seu auge na contemporaneidade, assumindo multifacetadas formas de expressão.

Para criar uma zona de conforto e proteção o sujeito se insere profundamente num mundo de “irrealidade” como afirma Debord (2007) em sua obra *A sociedade do espetáculo*, as redes sociais cumprem um papel de escapismo e idealização, seja para criar uma fantasia sobre si, seja para admirar as fantasias dos outros. Percebe-se a importância do fictício na Modernidade, muito semelhante ao escapismo presente no trecho ultrarromântico do século XIX. Questões existenciais, como o envelhecimento, a relação com o corpo, o passar do tempo, são silenciadas por meio do platonismo idealizador das redes sociais. Vida perfeita, corpo perfeito, experiências extraordinárias compõem as narrativas fictícias que circulam

mundialmente e diariamente. Desta forma o real é posto de lado para vivermos imersos em um mundo simbólico que antes de afastar os problemas, os denunciam.

Ao criar um novo-velho mundo através da ficção o autor se insere neste espaço e imprime nele suas questões existências, ainda que ele afirme que escreveu de maneira objetiva, para a Fenomenologia não há objetividade sem subjetividade e o próprio ato de escrever conotativamente revela que as questões concretas do mundo real não são suficientes. Lançar-se no mundo das metáforas, do dizer sem dizer diretamente, abre espaço para expor questões que a linguagem denotativa não alcançaria. É neste espaço profícuo que a Psicologia deve lançar um olhar mais atento e buscar, para além dos muros científicos, pistas sobre diversos aspectos da condição humana. Como afirma Roland Barthes (1977) a expressão artística, especificamente aqui, a Literatura, é um espelho do homem que a cria e do mundo no qual está inserido, tudo isso com uma roupagem estética, uma linguagem específica e recursos únicos.

Para compreender os “estranhamentos emocionais” na literatura, tenho que compreender o contexto do que leio e de quem leio, tenho que compreender sua narrativa em referência ao seu horizonte, o mais individual e o mais universal possível (EWALD, 2011, p. 64).

O discurso científico tem valor privilegiado dentro de algumas correntes da Psicologia, sua importância, em alguns momentos históricos, chegou a silenciar outras maneiras de compreensão da condição humana. Ao longo do século XIX o cientificismo consolidou-se e estabeleceu um padrão de construção de verdades, porém este monopólio vem sendo questionado ao longo do século XX por pensadores de diversas áreas. As narrativas ficcionais vêm ganhando espaço enquanto uma possibilidade profícuo de questionamentos sobre a existência, pois ao relaciona-se com a obra, na construção do texto, o autor também se constrói e desconstrói, o objeto, neste caso o texto literário, não existe longe do sujeito que o intenciona. Esta visada também cabe para a relação entre o leitor e a obra, pois o sentido elaborado pelo leitor depende da maneira como este se encontra no momento em que lê. Há neste processo um valioso flash de luz sobre a condição humana, nesta relação que ultrapassa as dimensões estritamente objetivas da Ciência, como afirma Ewald (2011, p. 45):

Por acreditar que nenhum fenômeno possa ser tomado isoladamente da nossa relação com ele, como defende a Fenomenologia, especialmente na forma como concebe Sartre, creio que este é um caminho extremamente fecundo na tentativa de apontar como a Literatura é, em si, uma das formas com as quais a Psicologia pode trabalhar para a compreensão dos fenômenos que são próprios da condição humana.

A ficção ao tentar imitar o mundo através da linguagem metafórica, o excede. Autor e leitor em um pacto de cumplicidade adentram num mundo espelhado que não é um reflexo do mundo exterior, mas uma complementação de quem são. Ao concretizar o imaginário em linguagem específica, seja no ato de escrita quanto no ato de leitura, imprime-se digitais neste processo, o objeto não pode existir sem este sujeito que o elabora. Há um descrédito por parte das correntes científicas, pois o que há de real em algo que concretamente não existe? Gullar (2012) responde afirmando que não se trata de mera imitação, mas de invenção, a arte deve inventar. Uma “subjetividade performativa” (VALENTE, 2013), que não imita, tão pouco recria, mas que inventa e é protagonista deste processo, abrindo possibilidades para a compreensão de si enquanto sujeito que está imerso num mundo de linguagem e por ela se expressa e se estrutura.

Gomes (2014, p.27) ao relacionar literatura e Psicologia afirma propor em suas discussões “uma evidenciação e fortalecimento teórico da presença de humanidade na literatura”. A literatura, portanto, é uma vivência humana legítima, tanto para quem escreve quanto para quem lê e tão importante quanto outras mais reconhecidas e valorizadas no âmbito acadêmico. Abre espaço para vislumbrar outras vivências que estão para além do imaginário, mas que com ele se conectam. Esta competência consolida a interface Literatura e Psicologia, pois ambas tocam em questões fundamentais da existência humana.

A corrente positivista dentro da Psicologia fortaleceu o discurso da necessidade da objetividade científica sem a subjetividade do pesquisador, ou mesmo sem os aspectos subjetivos do objeto estudado. Longe de propor uma ausência de rigor e firme na defesa de uma metodologia compreensiva, Husserl passa a investigar e refletir sobre uma Filosofia rigorosa e uma nova forma de relação com o mundo a qual leva em consideração a intencionalidade da relação homem-mundo. A ingenuidade (HUSSERL, 2009) da visão naturalista da ciência põe em cheque a capacidade de alcançar aspectos mais profundos do ser humano, aspectos estes muito caros à Psicologia.

Sobre o tema da ingenuidade Husserl (2009, p. XX) afirma que

A ingenuidade. O mundo pré-dado [*vorgegeben*], a verdade e a falsidade relativas a homens racionais e normais no tocante a sua sensibilidade. Nós, homens, como sendo no mundo – isto me diz a tomada de consciência [*Besinnung*], na qual eu o afirmo e os outros concordam comigo, digo eu, compreendendo-os como tendo consciência de si [*sichbesinnend*] e me entendendo com eles. A finalidade de uma verdade incondicionada, não relativa – o mundo que é em si como finalidade do conhecimento humano – o conhecimento dos maduros, dos racionais – daqueles que têm uma visão geral das possibilidades universais do conhecimento sempre relativo aos racionais, os quais se colocam como sujeitos racionais em todas as situações possíveis e de lá refletem sobre as possibilidades de verdade. Ao fazer isso reconheço que, através de

todo ser relativo e situacional, através de todas as possibilidades do "engano", "o" mundo sempre está pré-dado como aquele que se apresenta diversificadamente. "Eu, este homem (este ser racional)", eu estou no mundo, sou sujeito da vida de validade do mundo [*Weltgeltungsleben*].

O equívoco está em considerar que o cientista, um sujeito histórico, relativo e mutável, é capaz de apreender a totalidade do mundo de maneira objetiva e universal, sem levar em consideração os aspectos que fazem dele um sujeito-no-mundo, portanto, numa intencionalidade. Esta visão equivocada limita a atuação das Ciências, dentre elas, a Psicologia também. Ao considerar os aspectos mutáveis do sujeito e do mundo no qual está inserido, abrimos espaço para as contribuições do texto literário para uma melhor compreensão dos fenômenos humanos, pois a literatura é o espaço das multiplicidades, da construção de não apenas um sentido, mas de possibilidades. A intuição (GUIMARÃES, 2013) é essencial para a percepção do mundo e sua diversidade espelhada nos textos literários. Intuir e perceber caminham juntos para a Fenomenologia e ambos estão inseridos no mundo da vida, portanto, o que eu percebo do mundo através da intuição diz não apenas do objeto revelado, mas antes, dos sentidos atribuídos a ele, como afirma Guimarães (2013, p. 7) “Por isso mesmo, o mundo, fenomenologicamente considerado, é o mundo percebido na multiplicidade dos seus sentidos e não a totalidade dos seus objetos.”

A Literatura permaneceu com um conceito estável durante muito tempo. Tinha sua definição calcada na origem do próprio vocábulo, Literatura advém da palavra *littera* do latim vulgar, que significa “ensino das primeiras letras” (Moisés, 2012), esta concepção manteve-se ampla e difusa até meados do século XVIII. Esta concepção permitia englobar outras áreas de produção de conhecimento, tais como filosofia e ciência. Para se tratar de obras com caráter estético/ficcional utilizava-se a palavra Poesia (MOISÉS, 2012). Esta utilização ampla do termo nos sinaliza o quanto esta expressão artística esteve ligada à produção de conhecimento humano sobre o próprio homem e sobre o mundo ao seu redor.

A partir do desenvolvimento da ciência e da filosofia o termo passou a restringir-se ao ato estético de criação e ganhou nuances ao longo dos anos, variando de acordo com a posição que o teórico adotava em relação ao ato criativo, ao próprio criador, ao momento em que a obra foi criada. Mas vale ressaltar que a Literatura não deixou de ser vinculada ao discurso científico desde as doutrinas naturalistas de Zola (MOISÉS, 2012) até as obras que de tão descritivas pareciam tratados sociológicos, como a célebre obra *Os sertões* de Euclides da Cunha.

Dentre as diversas tentativas de conceituar a Literatura enquanto fenômeno estético e consequentemente humano, utilizaremos neste projeto a visada de Moisés (2012), ao afirmar que o mundo ficcional proposto literato é uma “pararrealida”. Sobre esta perspectiva o autor

afirma “O mundo ficcional não está ‘acima’ senão ao ‘lado’, paralelo da realidade ambiente, com ela realizando intercâmbio e nela se integrando inextricavelmente” (MOISÉS, 2012, p. 11).

Sendo assim o autor não estaria criando um mundo completamente imaginário e que não diz nada do mundo no qual o mesmo e o próprio leitor vivem. Ao contrário disto, o mundo ficcional é na verdade contíguo ao mundo real, podendo assim o leitor tecer relações profundas entre ambos, proporcionando um nível maior de alcance tanto das nuances da pararealidade quanto da complexidade do mundo vivido efetivamente por ele. É esta propriedade que ampara a possibilidade do uso da Literatura na clínica fenomenológica. Sobre esta discussão da comunicação entre o mundo real e o parareal Moisés explana:

O mundo parareal em que o texto se constitui é latente: o texto não o contém- evoca-o, não encerra-, sugere-o; não é o universo parareal, mas o sinal que o aponta e a matéria que o enforma. O universo parareal não está no texto, o que seria confundir-se com ele enquanto objeto, mas num espaço que o texto engendra com a cumplicidade do leitor. Sem a sua colaboração, sem a participação da sua fantasia, o universo paralelo não se cria: este somente adquire existência como relação entre uma virtualidade geradora – o texto – e uma entidade que o capta e transfigura- o leitor (MOISÉS, 2012. p. 11).

Neste sentido a relação entre realidade e pararealidade é uma via de mão dupla podendo assim o leitor também ampliar sua compreensão do mundo vivido a partir do mundo ficcional. Além disto, tanto Literatura quanto a Psicologia, especialmente a clínica fenomenológica evidenciam que a pessoa é aquela que tece a rede de sentidos e aprofunda a sua compreensão do mundo e de si mesmo.

Além destas possibilidades de correlação, ao longo da história da humanidade a literatura adquiriu poderes bem distintos, mas sempre beneficiando aquele que lê. No século das luzes surge uma visão da literatura não mais como simples deleite como pregavam os antigos desde Aristóteles, mas como um remédio necessário para resgatar a pessoa da sujeição e alienação como afirma Compagnon, (2009, p. 33) “Ela liberta o indivíduo de sua sujeição às autoridades, pensavam os filósofos; ela cura, em particular, do obscurantismo”.

Esta visão pragmática sobre a Literatura não foi totalmente aceita, pois para alguns a arte não poderia ter função, esta deveria ser livre de amarras e pressupostos para que de fato fosse arte e não literatura panfletária. Embora este projeto procure vislumbrar modos de utilização da Literatura na prática clínica fenomenológica, não é por uma faculdade utilitarista inerente à Literatura que isso é capaz, antes exatamente por esta ser livre e desinteressada que a associação e aproximação entre leitura e prática reflexiva na clínica é capaz. Sobre este “desinteresse” da Literatura em ser útil, Compagnon afirma:

Houve rebelião contra esse resgate da literatura. Os partidários da arte pela arte atacavam os são-simonianos, os socialistas e os republicanos, que davam por missão à literatura guiar o povo. As como essa resistência confirmava o desinteresse sublime da literatura, ela no fundo ampliava sua virtude e enfim reforçava a confiança que a sociedade podia ter em sua capacidade terapêutica (COMPAGNON, 2009, p. 36).

Percebemos então que Literatura não se trata apenas de simples entretenimento, embora seja também isso, e deve sê-lo em alto nível para que de fato seja Literatura, a mesma como afirma Moisés (2012, p. 28) “constitui uma forma de conhecer o mundo e os seres humanos” especialmente uma forma de conhecer dimensões do próprio leitor e também por em questão atitudes que o mesmo toma e suas consequências. A polivalência e polissemia, próprias do discurso literário, lançam o indivíduo numa infinita rede de associações e sugestões que podem facilitar (ou não) a reflexão, abrindo novos caminhos para mudanças de pensamento e atitudes.

3 O FENÔMENO DO SUICÍDIO NO BRASIL

Antes de traçar linhas gerais sobre o fenômeno do suicídio no Brasil, é necessário pensar sobre o que é definido como suicídio, pois este ponto de partida auxilia a evitar desdobramentos teóricos os quais este trabalho não se propõe. Diversos autores já esclareceram as possibilidades interpretativas do termo e as conseqüentes múltiplas possibilidades de aplicações. Considero pertinente, para fins metodológicos e expositivos, adotar o conceito de suicídio proposto por DURKHEIM (2008) para o qual o suicídio é:

Todo o caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo praticado pela própria vítima, ao que a vítima sabia dever produzir este resultado. A tentativa de suicídio é o ato assim definido, mas interrompido antes que dele resulte a morte (DURKHEIM, 2008, p. 15).

Tal conceito, amplamente adotado em diversas áreas, inclusive no âmbito jurídico (DINIZ, 2017) é o ponto de partida que norteia políticas públicas de prevenção e pós-venção, portanto, tornando-se confortável para a apresentação e debate sobre dados e reflexões sobre o suicídio no Brasil.

Ainda como ponto de partida, não devemos levar em consideração o suicídio, como um fenômeno isolado do seu contexto, não é possível pensa-lo deslocado. Mas como um fenômeno afetado por aspectos econômicos, religiosos, culturais, de gênero. O suicídio por si só, enquanto um mero dado estatístico não ajuda a ser compreendido, outros modos de conduta o afetam diretamente, como afirma Durkheim:

Ao contrário do que se poderia pensar, os suicídios não constituem um grupo à parte, uma classe isolada de fenômenos monstruosos sem relação com os outros modos de conduta, mas, pelo contrário, ligam-se a eles por meio de uma série contínua de intermediários (DURKHEIM, 2008, p. 16).

O comportamento suicida, ao longo dos anos, vem ganhando no Brasil e no mundo projeção numérica significativa. A velocidade do crescimento do número tanto de ocorrências de suicídios consumados, quanto de tentativa de suicídio expressa necessidade de um olhar mais atento para tal fenômeno. No âmbito mundial, em média, mais de 800 mil suicídios ocorrem por ano, tornando o suicídio a 15ª causa de morte no mundo. A situação torna-se mais preocupante se levarmos em consideração as tentativas, pois segundo o último relatório da OMS (2016) para cada 1 suicídio concretizado existem 20 tentativas. Entre os jovens de 15 a 29 anos, em índices gerais, é a segunda maior causa de morte no mundo. Apesar da escalada significativa

das ocorrências de suicídio em relação a pesquisas de anos anteriores, atualmente há um movimento muito forte no sentido da prevenção.

O Boletim epidemiológico lançado pelo Ministério da Saúde alerta para situações de risco que aumentam a probabilidade da ocorrência de lesões autoprovocadas e suicídio, tais como ter acesso aos meios de consumação do fato. Acesso à arma de fogo é um dos grandes fatores, inclusive uma das orientações gerais da organização Mundial da Saúde para diminuir os casos em qualquer contexto é a restrição ao acesso a armas de fogo. Outro método meio bastante utilizado e que não é devidamente controlado é o uso de substâncias tóxicas exógenas, como os agrotóxicos, o mais popular é o popularmente chamado “chumbinho”. A ausência de controle na venda de tais produtos acarreta um acesso banalizado para usos diversos, inclusive para o suicídio. O Boletim ainda aponta como situações de risco que devem ser combatidas “dificuldade em lidar com estresses agudos ou crônicos da vida, e sofrer violência baseada em gênero, abuso infantil ou discriminação” (BRASIL, 2007, p. 2).

As lesões autoprovocadas entre os anos de 2011 a 2016 cresceram de maneira significativa, 209,3% entre as mulheres e 194,7% entre os homens, variando em contextos específicos. No âmbito escolar foram 1333 casos entre jovens de 10 a 19 anos, tais lesões representam um universo relativamente pequeno do ponto de vista estatístico (apenas 1,5% do total de casos), porém enquanto fenômeno único e pessoal revela um forte sofrimento dos jovens no contexto das escolas. O pesquisador português Ferreira esclarece que:

O suicídio é majoritariamente causado pelas representações de natureza afectivo-emocional, onde se destacam os conflitos na educação, criação e conduta familiar dos indivíduos. O sentimento de culpa imposto por chantagens emocionais, agressões, castigos exagerados, criação e imposição de uma auto-imagem irreal ao indivíduo, abandono ou superproteção são factores que influenciam os jovens a pensarem em pôr fim à sua vida (FERREIRA, 2008, p. 16-17).

A forte pressão familiar por um êxito educacional e conseqüentemente profissional, as dificuldades de se relacionar com os amigos, numa era da virtualização das amizades, a baixa capacidade de suportar eventos estressantes, de administrar crises, como por exemplo, estudar para tirar uma nota mais alta, levam os jovens nessa faixa etária a recorrer à lesão autoprovocada. No contexto escolar tais demandas são recebidas por profissionais que na maioria das vezes não possuem formação específica para acolher e orientar os jovens. Por diversas vezes ouvi, em conselhos de classe, relatos de profissionais da área pedagógica da escolar sobre alunos que se refugiavam no banheiro durante a aplicação das provas e praticavam autolesão.

Quando tratamos de tentativa de suicídio, ainda segundo o Ministério da Saúde, os números se tornam mais consideráveis. Na faixa etária entre os 10 a 19 anos ocorreram 10.583 casos, 41,3% do total de tentativas de suicídio ao longo dos anos de 2011 a 2016. Cabe a ressalva de que se trata praticamente a metade de todos os casos distribuídos entre todas as faixas etárias. No contexto escolar foram 133 tentativas (0,5% dos casos), uma delas presenciada por mim numa escola da rede particular de ensino. O aluno tentou se jogar da janela no segundo andar, não logrando êxito pois foi segurado por funcionários. Após este caso, a instituição colocou redes de proteção em todas as janelas.

Numa realidade em que os casos estão aumentando significativamente, faz-se necessário salientar os mecanismos de prevenção criados e divulgados com o intuito de amparar e acolher aqueles que praticam a lesão auto provocada e os tentantes para que não chegue ao extremo que é o suicídio em si. “A tentativa de suicídio é a expressão de um processo em crise, que se desenvolve de maneira gradual” (p.11), portanto, a criação de tais mecanismos leva em consideração que o suicídio faz parte de um processo e que ao longo deste é possível identificar indícios e fortalecer a prevenção.

A Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) tem por objetivo “ampliar o acesso à atenção psicossocial, articular ações entre os serviços e ações intersetoriais, regular e organizar as demandas e fluxos de assistência” (BRSIL, 2017, p. 14-15), qualificando o cuidado por meio do acolhimento e acompanhamento continuado. A RAPS é constituída por Atenção Básica em Saúde, Atenção Psicossocial Especializada, Atenção de Urgência e Emergência, Atenção Residencial de Caráter Transitório, Atenção Hospitalar, Estratégias de Desinstitucionalização e estratégias de Reabilitação Psicossocial. Entre as diversas estratégias de prevenção está o sistema de coleta e análise de dados sobre tentativa de suicídio óbito por suicídio, tais dados servem como um mapa indicativo para orientar as ações.

Não cabe aqui um estudo aprofundado sobre as possibilidades de intervenção, na visada que proponho a linguagem um campo onde tanto o tentante manifesta indícios do suicídio, quanto os mecanismos de prevenção podem atuar preventivamente, diminuindo a necessidade de uma intervenção direta. Neste sentido, resalto a criação do Ministério da Saúde de um folheto direcionado para os jornalistas orientando como trabalhar a linguagem ao abordar o tema do suicídio. Neste material há indicações de como proceder na escrita e divulgação de informações, notícias e reportagens a cerca do tema.

O poder da linguagem tanto para instruir e prevenir, quanto para suscitar e instigar é muito elevado. As orientações, apesar de serem direcionadas para os jornalistas, são pertinentes para diversas outras áreas, inclusive a que aqui me direciono, a educação. Tratar do tema em

sala de aula é uma questão delicada e sempre envolver fatores complexos, pois estamos lidando com sujeitos, mas também com as orientações legais no que concerne o conteúdo a ser dado. Logo, não podemos deixar de abordar o suicídio se foi abordado por algum poeta, ou mesmo se algum poeta o cometeu, nestas circunstâncias, a maneira como o fenômeno é abordado faz toda diferença.

O material orienta a não dar destaque em primeira página, não expor em letras garrafais dando uma atenção exagerada ao fato ocorrido. Em casos que envolvam celebridades, evitar a repetição da notícia, pois celebridades são pessoas públicas que influenciam consideravelmente aqueles que os admiram, podendo gerar um efeito de contágio. Sobre esta perspectiva Ferreira afirma que:

Mas não são só os factores psicológicos que importam para explicar o cada vez maior número de suicídios na juventude. Também há factores exteriores que ajudam bastante a este fenómeno, em especial os que dizem respeito ao comportamento dos meios de comunicação de massas quanto ao tema. A presença deste sob várias formas nos meios de comunicação social, muitas vezes de uma maneira que não é a mais correcta, influencia o aumento de taxas de suicídio juvenil. Este facto é bastante natural, dada a influência que as mídias exercem sobre os jovens actuais. (FERREIRA, 2008, p. 18).

Quando tratar do fato, não dar detalhes do método utilizado pelo tentante ou pelo que cometeu o suicídio, tão pouco divulgar fotos, pois muito poderia servir como um fator orientador. Não ler as cartas deixadas pelos suicidas, neste ponto vale a ressalva sobre o poder de identificação que a linguagem proporciona, ao entrar em contato com o último gesto simbólico do suicida, existe a possibilidade do leitor ver-se naquele texto, o esmo serviria como um espelho, uma revelação de si na linguagem do outro.

Algumas indicações de como tratar do tema também são válidas para nortear o ato de comunicar o tema, ou mesmo de trabalhar o tema em sala de aula. O mais significativo ato é não criminalizar a tentativa ou o suicídio em si, não se trata de um caso de polícia, mas de um fenômeno muito complexo e repleto de fatores de diversas dimensões da vida do sujeito. O tema do suicídio deve ser abordado de maneira madura e sem medo, os leitores devem sentir segurança naquele que comunica, sem hesitações, sem piadas ou ambiguidades. Não racionalizar o suicídio é outro ponto importante, não buscar justificativas superficiais e simplificadas. Qualquer sujeito que aborde o tema sempre deve divulgar também onde buscar ajuda, quais os mecanismos existentes para auxiliar quem pensa em cometer o ato ou mesmo quem já tentou. A divulgação da ajuda deve deixar claro que existem formas de lidar com a questão e existem profissionais formados para isso, desde a coordenação da escola, até a RAPS. Sinais de alerta devem ser observados constantemente. Ainda no âmbito escolar, devemos

perceber alguns indícios deixados pelos alunos, tanto de maneira verbal, como não-verbal. Bilhetes, recados deixados na mesa do professor, recados no verso da prova, comentários feitos em sala de aula a respeito de um autor que cometeu suicídio ou sobre textos que abordam o tema, todo esse material de linguagem deve ser compreendido pelos profissionais como formas de sinalização. Como afirma o material:

As pessoas sob risco de suicídio costumam falar sobre morte e suicídio mais do que o comum, confessam se sentir sem esperanças, culpadas, com falta de autoestima e têm visão negativa de sua vida e futuro. Essas ideias podem estar expressas de forma escrita, verbalmente ou por meio de desenhos (BRASIL, 2017, p.6).

O suicídio ao longo da história da humanidade adquiriu diversos significados e valores específicos. Entre os gregos não possuía um valor negativo, porém a partir da idade média a religião passou a valorar o fenômeno de maneira a lhe conferir uma simbologia de pecado e de quebra das leis religiosas. O suicídio era visto como um grande pecado cometido contra uma das maiores dádivas de Deus: a vida. A partir do fim da idade média, o saber científico e mais especificamente o saber médico, se apropriou deste fenômeno e passou a compreendê-lo como um ato irracional e patológico, deslocando as discussões para o âmbito da medicina e da biologia. Ao tentarmos compreender o suicídio atualmente, temos que levar em consideração os aspectos históricos, sociais, econômicos que estão envolvidos no processo, além de também compreender a maneira como julgamos o ato e nos posicionamos diante deles (NETTO, 2013).

Na sociedade atual o suicídio é visto como um tabu, pois contraria e afronta todos os avanços científicos que buscam prolongar a vida. Desta forma, cometer suicídio é questionar o valor das contribuições da Ciência no intuito de combater ou evitar momentaneamente a morte. O próprio termo suicídio possui uma conotação pejorativa, pois deriva de um termo latino que significa “morte bárbara”, em outras línguas o fenômeno também é nomeado de maneira a diminuir as possíveis reflexões sobre o ato ou mesmo com um intuito de criminalizar quem o comete, tais como auto assassinato (self-killer) ou assassino de si (sel-murderer).

A prevenção do comportamento suicida engloba várias esferas sociais e deve ser considerado como um processo complexo que não é de domínio do saber médico. As famílias devem debater assuntos sobre a morte e o morrer, para que não vire um tabu. As escolas também tem um papel relevante no trabalho de prevenção, pois pode abrir um canal de diálogo com os alunos desde o fundamental I até o ensino médio. Preceitos fundamentais devem ser fortalecidos com diversas atividades e de diversas maneiras diferentes. Uma sugestão interessante dada por Werlang (2013) é a de programas psicoeducativos.

Na clínica, a questão do suicídio se torna mais complexa, pois os tentantes possuem uma convicção a respeito da morte. Torna-se difícil estabelecer o vínculo terapêutico devido a ausência de questões voltadas para a vida. A morte, como alívio, é uma constante para este sujeito que deseja aliviar a dor e o sofrimento. Esta postura do tentante torna o trabalho mais delicado e implica mais ainda o psicólogo no processo, pois este deve ser mais atuante, uma intencionalidade mais forte para que o vínculo se estabeleça. É imprescindível que o psicólogo acolha a dor do outro e ouça, sem julgamento, as vivências daquele que tentou cometer o suicídio, escutar com interesse aquilo que o outro deseja expressar, dar espaço para o sujeito que ali se manifesta e que está sofrendo (RIGO, 2013).

Para tratar do fenômeno do suicídio, devemos levar em consideração o contexto amplo do fenômeno. Levando em consideração os que conseguem cometer o suicídio, ainda há muito a ser feito, pois tal ato pode afetar negativamente os seus familiares e pessoas próximas. Além da dor da perda e do luto, as pessoas que sentiram a perda do sujeito também estão susceptíveis a cometerem tal ato. Neste sentido, cuidar daqueles que sofrem com a efetivação do suicídio de alguém, deve também ser objetos de atenção da psicologia. Contribuindo para a reflexão, Tavares (2013, p.) afirma que:

As reações que se têm ao risco de suicídio provocam emoções muito poderosas: o medo, a culpa, a raiva, a tristeza, a ansiedade, a vergonha, a saudade. Mas os sobreviventes não ficam apenas afetados por emoções como essas; também sofrem de outras decorrências dessas emoções intensas, como negação, depressão, isolamento, não aceitação daquela ausência, problemas de ajustamento, dificuldades de estabelecer novas relações, sensação de desamparo, queda de produtividade, desenvolvimento de transtornos mentais, aumento do uso de drogas ou álcool e desinvestimento em sua própria vida.

Desta forma o olhar do psicólogo deve se estender também às famílias, os sobreviventes, pois o suicídio não é um evento isolado, tão pouco repentino e os familiares precisam dar sentido ao fenômeno para que não se dê início a um ciclo de adoecimento e morte.

4 O SUICÍDIO NA LITERATURA

O suicídio enquanto temática está presente na produção literária da humanidade há vários séculos. Manifesto em literatura oral, escrita, prosa, poesia, peças teatrais, nos mais diversos gêneros literários tanto da literatura ocidental quanto da literatura oriental. Os julgamentos a respeito do fenômeno do suicídio variam, assim como seus efeitos discursivos, de acordo com a época, local, autor, público leitor e suporte. A literatura, neste sentido, cumpre um papel significativo no que tange a circulação de julgamentos a respeito do suicídio, cabendo por vezes puni-lo, discuti-lo, incentivá-lo se assim for de interesse daqueles que produzem o texto e do momento histórico no qual a obra circula. Simbolizar com palavras algo tão complexo é uma das formas mais utilizadas para, de alguma maneira, construir um sentido a respeito de algo que, para a sociedade ao longo dos séculos, foi e continua sendo um tabu. Como afirma Petry (2012) “O suicídio e a palavra andam juntos, tanto como desabafo, quanto reflexão”.

O senso comum busca explicações racionais, religiosas, místicas para esclarecer o porquê de um sujeito, voluntariamente, tirar a própria vida, prescindindo do viver, viver este tão esforçadamente buscado pela maioria das pessoas. Para além das respostas sociológicas, econômicas, religiosas, há também uma possibilidade filosófica de refletir sobre o fenômeno. Na obra *O mito de Sísifo*, do filósofo e prosador argelino Albert Camus, é traçado pelo autor questionamentos que revelam a fragilidade das visadas até então vigentes, o mesmo propõe um olhar mais fundamental, colocando o suicídio como um problema filosófico. Camus, nesta obra, afirma que:

Só existe um problema filosófico realmente sério: é o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, aparece em seguida. São jogos. É preciso, antes de tudo, responder. E se é verdade, como pretende Nietzsche, que um filósofo, para ser confiável, deve pregar com o exemplo, percebe-se a importância dessa resposta, já que ela vai preceder o gesto definitivo (CAMUS, 2004, p. 17).

Segundo o filósofo, nenhuma outra questão é tão fundamental quanto esta. Ao afirmar que “o sentido da vida é a questão mais fundamental de todas” (CAMUS, 2004, p. 18) prescindir da vida voluntariamente é um ato que revela uma não constatação de sentido em viver, tornando qualquer outra reflexão menos importante. O mesmo autor nos trás como exemplo o caso de Galileu que abjurou de suas conquistas quando julgado pelo Tribunal da Santa Inquisição, pois a vida para este pesquisador medieval se fazia mais valiosa.

Sendo, portanto, um tema tão caro à Humanidade, a literatura não poderia deixar de representá-lo e de criar a possibilidade da expressão das vivências deste fenômeno. Ora contemplando os valores e julgamentos sociais a respeito do tema, ora abrindo espaço para a expressão da subjetividade daquele que sofre por desejar morrer, a literatura torna-se o lugar da palavra que simboliza e dá contorno, que lança, por meio de uma linguagem própria, para o outro (leitor) aquilo que está no autor, no mundo e interage com o próprio leitor. O leitor ao construir significados completa as lacunas deixadas pelo texto literário e ao completar também se implica na construção do texto, corroborando com esta visada Sengik (2015) afirma que “a literatura promove a construção de conhecimentos, implicando a atribuição de significado a partir das vivências do leitor”.

Tecendo uma sucinta retrospectiva histórica das produções literárias, fica nítido que o suicídio sempre esteve presente enquanto um tema polêmico. Desde os primórdios da literatura a morte voluntária ocupou espaços privilegiados, pois a decisão de abrir mão de viver afeta profundamente a Humanidade. Na Bíblia, por exemplo, Abimaleque, rei de Siquém, ao tentar invadir Tebez foi atingido por uma pedra lançada por uma mulher. Imediatamente chama seu escudeiro e pede para ser atravessado por sua espada para que não ficasse conhecido por ter sido morto por uma mulher, “Então ele chamou depressa o moço, seu escudeiro, e disse-lhe: Desembainha a tua espada e mata-me, para que não se diga de mim: uma mulher o matou” (BÍBLIA - JUÍZES 9:54). Aqui percebemos que a honra, o brio, associados ao machismo se colocam acima da vida, morrer numa batalha, ou suicidar-se é menos desonroso que morrer pelas mãos de uma mulher.

Na Grécia Antiga diversas narrativas foram criadas em diversos gêneros, os mais conhecidos são os gêneros épico, lírico e dramático segundo Aristóteles (2001). A Grécia enquanto berço da cultura ocidental, muito contribuiu para a construção de valores que existem até hoje e muitos destes valores se perpetuaram através dos textos literários. As tragédias gregas, subgênero do gênero dramático, comporta uma das mais emblemáticas histórias de suicídio, história essa inserida e popularizada nos ambientes acadêmicos dos cursos de Psicologia por Freud. Édipo Rei, peça do dramaturgo Sófocles, como o maior exemplo de tragédia grega segundo Moisés (2012), traz uma cena de suicídio emblemática e que tange discussões a cerca da incapacidade do sujeito de ter as rédeas de sua vida em suas mãos. Jocasta enforca-se em seu próprio quarto assim que descobre que Édipo, guerreiro que matou seu marido Laio e pelas tradições é agora seu marido e rei de Tebas, é na verdade seu filho que foi apartado do lar ainda criança devido seu destino trágico de matar a própria mãe e casar-se com o pai.

A peça desperta reflexões existências a respeito da capacidade de não suportar os caminhos que a vida toma, no descontentamento com a vida, o caminho escolhido por Jocasta foi a morte voluntária. Curioso é que a própria Jocasta antes de saber da notícia trágica orientou Édipo a entregar-se ao seu destino e somente assim ele não iria sofrer “de que serve afligir-se em meio de terrores, se o homem vive à lei do acaso, e se nada pode prever ou pressentir! O mais acertado é abandonar-se ao destino” (ÉDIPO, 2005, p. 67). Ao apresentar este dilema aos alunos em minhas práticas dentro de sala de aula, percebo que alguns tecem reflexões para além da obra, procurando compreender em que medida eles são, ou não, senhores dos seus destinos.

No medievo, a literatura encarrega-se de condenar o ato suicida, muito influenciada pela ideologia e valores cristãos. Suicidar-se é neste período um crime contra Deus, a usurpação de um bem que não é nosso, ou ainda uma ingerência em relação a uma dádiva chamada vida que generosamente nos foi dada, mas que não nos pertence plenamente. Diversos textos teológicos condenam o suicídio, mas no âmbito literário o mais famoso é *A Divina Comédia* do autor florentino Dante Alighieri. Dante e Virgílio viajam por três lugares emblemáticos e alegóricos: o inferno, o purgatório e o paraíso. Para este estudo, o inferno é o que interessa, pois nele há um lugar específico e reservado para os que cometem suicídio. O sétimo círculo, o círculo dos violentos, neste caso os que cometeram violência contra sua própria vida, separando a alma do corpo como afirma o próprio Alighieri (2003). Neste círculo há a selva dos suicidas, projetada para imprimir constante dor e sofrimento aos que tiveram a audácia de abrir mão da vida dada por Deus. Sobre este lugar a própria personagem que nele está explica para Dante e Virgílio:

Quando alguma alma se separa do seu corpo por sua própria vontade, Minós a manda para a sétima foz. De lá, cai nesta selva escura, brota como uma semente e cresce, até tornar-se um espinhoso arbusto. As Hárpias nutrem-se de nossos galhos e assim nos trazem eterna e intensa dor. Como os outros, um dia retornaremos para reaver nossos corpos, mas nunca mais poderemos vesti-los, pois, injusto seria que tivéssemos algo que rejeitamos. Nós os arrastaremos até aqui onde, nesta triste floresta, nossos corpos serão para sempre pendurados nos galhos de suas almas vis (ALIGHIERI, 2003, p. 106).

Esta forma de ver o suicídio só causava mais dor àqueles que estavam sofrendo e desejando tirar a própria vida. Entender o suicídio como um dos mais graves pecados acaba por tornar mais pesado o fardo dos que já sofrem. Esta visão religiosa foi endossada e divulgada pela literatura trovadoresca e ressoa até os dias atuais.

Seguindo cronologicamente o resgate dos grandes autores e obras que versam sobre o suicídio, encontramos um dos maiores autores da literatura mundial, William Shakespeare, artista inglês que soube representar os grandes dilemas da vida que maram a existência humana, como afirma Polidório:

As tragédias shakespearianas possuem um grande poder de verossimilhança. Em Hamlet, percebemos isso por intermédio do regicídio, da traição, da vingança, do ódio, do amor etc. presentes na obra. Todos esses sentimentos que dão ação à tragédia são inerentes à natureza humana (POLIDÓRIO, 2012, p. 2).

Diversos são as personagens de Shakespeare que cometeram suicídio: Otelo, Lady Macbeth, Antônio, Cleópatra, Enobarbo, Romeu, Julieta, Ofélia, Brutus, Cássio, Ticínio, Goneril. Este tema é bastante caro ao autor, porém não é tratado sempre da mesma forma, na verdade, os valores que norteiam cada obra variam de acordo com o contexto da própria obra. Incorporando o *zeitgeist* as obras divergem a respeito das consequências positivas e negativas do suicídio. Porém, para além do julgamento externo sobre a morte voluntária, há um fio condutor entre todas as obras, fio este que aproxima consideravelmente o mundo ficcional shakespeariano ao mundo real e aos dilemas humanos, sobre isto André (2018, p. 15) esclarece que:

Os suicidas de Shakespeare são obrigados a mergulhar no mar revolto da introspecção, nas agruras de um tempo corrosivo, pois herdaram de fontes desconhecidas, sem o pedirem, uma consciência alarmante sobre a falta de sentido das coisas.

Na impossibilidade de tratar de todas as obras de Shakespeare que tratam do tema, cito uma das mais conhecidas, por leigos e especialistas e que no âmbito da educação tem um valor considerável por não ser uma narrativa distante dos alunos, praticamente todos os jovens já ouviram falar da tragédia amorosa que encerra a vida deste casal. Neste sentido, o trabalho de leitura e discussão dos temas que atravessam a obra tornam-se facilitados. O amor impossível entre Romeu e Julieta é assim posto devido o ódio entre suas famílias, ódio este não compartilhado pelo casal, mas que é afetado por ele. Depois de longas peripécias para permanecerem juntos, Romeu é exilado e Julieta, que estava prometida para casar com Páris, pede ajuda ao frei Lourenço, este dá a ela um remédio que simula a morte. Antes de ser avisado pelo frei que Julieta não estava morta, Baltasar dá a notícia da morte de Julieta. Ao chegar na cripta dos Capuleto, Romeu luta e mata Páris e logo em seguida, ao lado do corpo “morto” de Julieta, toma uma dose letal de veneno. Ao acordar, Julieta entende o que aconteceu e desfere um golpe em seu peito com o punhal de Romeu. Apesar da morte nesta obra não ser o desejo verdadeiro do casal, Romeu e Julieta não hesitam em cometer o suicídio.

O amor, neste caso, transpôs tragicamente a barreira entre a vida e a morte, revelando para ambos, não importava se vivos ou mortos, mas deveriam permanecer juntos. Romeu debruçado sobre o corpo da amada afirma “ficarei contigo, sem nunca mais deixar os aposentos

da tenebrosa noite; aqui desejo permanecer” (SHAKESPEARE, 2000. p. 162) e Julieta temendo se separada de seu amado pelos soldados que se aproximavam afirma “Ouço barulho. Preciso andar depressa. Oh! Sê bem-vindo, punhal! Tua bainha é aqui. Repousa ai bem quieto e deixa-me morrer” (SHAKESPEARE, 2000. p. 165).

Nos séculos XVIII e XIX o suicídio virou um ato literário. Foi idolatrado pelo Romantismo tanto no âmbito literário, pois foi esteticamente utilizado para dar mais carga dramática às narrativas, quanto no âmbito da vida dos autores já que vários recorreram ao suicídio como forma de escapismo. Autores como Álvares de Azevedo, Lord Byron, Chateaubriand, Goethe, trataram do tema da morte como expressão de suas angústias e mais especificamente do suicídio como solução para estas.

O mais emblemático de todos e que teve um impacto expressivo em seus leitores foi o romance *Os Sofrimentos do jovem Werther* do alemão Johann Wolfgang Goethe. A obra é constituída de cartas escritas pelo Werther endereçadas a um amigo chamado Wilhelm. Nestas cartas revela suas impressões sobre a sociedade da nova cidade onde passou a morar. Nesta cidade conhece Charlotte, uma jovem pertencente à nobreza, por quem se apaixona perdidamente. Porém Charlotte ama outro rapaz chamado Albert que a ama também, tonando o sofrimento de Werther mais penoso. Após os noivos se casarem Werther percebe que jamais terá a oportunidade de se relacionar com Charlotte, decide tirar a própria vida com uma arma de fogo emprestada por Albert.

Vale ressaltar que esse amor de proporção tão extrema é a força motriz do livro, essa intensidade é também encontrada nas relações entre os jovens atualmente, o que faz com que alguns alunos se identifiquem com a narrativa, pois veem no sofrimento amoroso de Werther, o seu próprio sofrimento.

A partir do lançamento desta obra, ocorreu uma comoção social em relação à decisão tomada pela personagem Werther. A preocupação de que vários jovens também cometessem suicídio era alta, culminando na suspensão da publicação da obra em diversos países da Europa. Nunca ficou claro se, de fato, a obra influenciou diretamente os jovens a cometerem suicídio, vale ressaltar que esta tentativa de impedir a circulação da obra por meio de uma censura, na verdade, serviu como uma contrapropaganda do livro, incitando os leitores a adquiri-la por outras vias (SILVA; COSTA, 2018).

Fato é que em 1974 o sociólogo David Phillips criou o conceito de *Efeito Werther* que nas palavras de Sila, trata-se de “um fenômeno ocorrido há duzentos anos em que leitores do famoso romance de Goethe. Ao lerem que seu protagonista cometeu suicídio, são influenciadas a tomar a mesma atitude desesperada (SILVA; COSTA, 2018, p. 70). Este conceito até os dias

de hoje circula com intensidade e foi retomado com força há alguns anos atrás quando foi lançado o livro *Os treze Porquês* do autor Jay Asher. O medo de que jovens se identificassem com a história de bullying pela qual passa a personagem Hanna Barker levou vários pais a proibirem, embora sem resultados garantidos, que os jovens assistissem a série adaptada a partir do livro. Este fenômeno ocorreu também nas escolas onde leciono e muitos jovens me procuraram para afirmar que concordam com o ato suicida da personagem e que os seus sofrimentos se aproximam dos sofrimentos da Hanna.

Como já afirmado anteriormente, não há pesquisas que atestam o *Efeito Werther*, porém o pesquisador Phillips (*apud* SILVA; COSTA, 2018) realizou uma pesquisa sobre o suicídio cometido por influência de pessoas famosas, não se trata exatamente do *Efeito Werther*, porém revela o poder de influência de grandes personalidades sobre a vida de seus fãs. Silva e Costa expõem a pesquisa:

Após analisar trinta e três casos ocorridos entre 1947 e 1967, foi possível observar um padrão. Por algum motivo, a morte de um famoso parecia encorajar significativamente demais óbitos de pacientes de depressão e outros distúrbios. Isto é dizer: se a premissa de Phillips estivesse certa, a morte de um desconhecido poderia influenciar um indivíduo a tirar a própria vida até mais do que a morte de um parente próximo. E mais: cada caso favorecia o suicídio em um grupo específico; o aparente suicídio de Marilyn Monroe, o que gerou mais casos de suicídios por imitação (*copycat suicides*) no recorte de tempo estudado pelo sociólogo, parecia afetar mais mulheres na faixa dos trinta anos e que, por extensão, cresceram tendo a atriz como um modelo de beleza e feminilidade (SILVA; COSTA 2018, p. 70).

Longe de querer generalizar ou simplificar um fenômeno tão complexo como é o suicídio, a pesquisa de Phillips ajuda a refletir sobre o poder que a linguagem possui na relação entre os que desejam cometer suicídio e pessoas ou personagens que são referência para os mesmos. Reconhecer o poder da influência não é retirar a liberdade do sujeito, antes é perceber a conexão que ele possui com o mundo e com aqui que ele intenciona. As relações não são causais, mas são relações e nesta medida, devem ser compreendidas, pois ajudam a esclarecer o contexto da tentativa do suicídio ou mesmo da sua consumação.

Até o momento o suicídio foi analisado enquanto temática de poetas e prosadores que decidiram tratar esteticamente do fenômeno, sem ter o praticado efetivamente. Neste sentido, a literatura se apresenta como um campo de possibilidades, um lugar de criação livre no qual o autor pode se lançar a escrever partindo de um ato inventivo livre que não necessariamente se relaciona com sua biografia. Isso não significa dizer que os autores citados anteriormente não sofreram ou mesmo não desejaram tirar sua vida voluntariamente, mas como dado biográfico sabemos que eles morreram de outras formas que não cometendo o suicídio.

A partir deste ponto trataremos de autores que conectaram explicitamente sua vida, suas angústias, sofrimentos e a morte voluntária com suas obras, utilizando estas como um campo de expressão não apenas estética, mas também biográfica. A relação vida e obra é delicada e não possui laços claros e definidos em todos os autores, mas na produção de alguns podemos notar isso claramente.

Dentre os diversos autores que cometeram suicídio e produziram arte sinalizando este ato temos o poeta russo Maiakovski, o escritor brasileiro Pedro Nava, a poetisa portuguesa Florbela Espanca, o poeta português Mário de Sá-Carneiro, a poetisa norte-americana Sylvia Plath entre tantos outros que expressaram em sua arte o desejo por tirar sua própria vida e que consumaram o suicídio. Nos deteremos nos dois últimos, Mário de Sá-Carneiro e Sylvia Plath, por serem poetas que escreveram de maneira mais pungente e explícita suas angústias e sofrimentos e a relação direta destes com a decisão de tirar a vida.

O poeta português moderno, Mário de Sá-Carneiro, possui uma produção literária relativamente pequena no quesito quantidade, haja vista sua morte em jovial idade, porém extremamente profunda e atual. Cometeu suicídio aos 26 anos de idade, no hotel Nice em Paris, a 26 de abril de 1916 deixando uma última carta postada momentos antes de se matar endereçada ao seu amigo mais próximo, Fernando Pessoa (SILVA, 2011).

Sua produção literária está pautada num desconcerto, numa sensação de não pertencimento, tanto sua vida quanto sua obra são marcadas por profundas reflexões existências, sempre com um caráter pessimista em relação à sua própria existência. A angústia e o desejo de morte se agravaram com a crise financeira sofrida pelo pai e conseqüentemente por ele, já que dependia das mesadas que recebia para manter seu estilo *bont vivant* na capital da França. Já havia, portanto, instalado no poeta, um pendor para a morte voluntária, haja visto seus diversos poemas e diversas cartas que sinalizavam isso, somado esse pendor ao fim daquilo que o animava momentaneamente, sua vida boêmia, Sá-Carneiro, em carta destinada ao seu amigo Fernando Pessoa, decide cometer suicídio expondo os motivos anteriormente citados (SILVA, 2011).

Eis um trecho da carta:

Não vale a pena lastimar-me, meu querido Fernando: afinal tenho o que quero: o que tanto sempre quis – e eu, em verdade, já não fazia nada por aqui... Já dera o que tinha a dar. Eu não me mato por coisa nenhuma: eu mato-me porque me coloquei pelas circunstâncias – ou melhor: fui colocado por elas, numa áurea temeridade – numa situação para a qual, a meus olhos, não há outra saída. Antes assim. É a única maneira de fazer o que devo fazer. Vivo há quinze dias uma vida como sempre sonhei: tive tudo durante eles: realizada a parte sexual, enfim, da minha obra – vivido o histerismo do seu ópio, as luas zebradas, os mosqueiros roxos da sua Ilusão. Podia ser feliz mais

tempo (...) *mas não tenho dinheiro*. Contava firmemente com certa soma que pedira ao meu Pai há 15 dias (SÁ-CARNEIRO, 2004, p. 373-374).

Sá-Carneiro manifesta na carta uma sensação de desamparo, emocional, financeiro, que o desloca da vida, para ele, não há mais o que fazer. Sua função e o sentido de sua vida são tão frágeis a ponto de não justificarem ele permanecer vivo. Esta sensação é muito forte também em sua poesia como, por exemplo, nos versos do poema *Escavação* presentes no livro *Dispersão*:

Numa ânsia de ter alguma cousa,/Divago por mim mesmo a procurar,/Desço-me todo,
em vão, sem nada achar,/E a minh'alma perdida não repousa./Nada tendo, decido-me
a criar:/Brando a espada: sou luz harmoniosa/E chama genial que tudo
ousa/Unicamente à força de sonhar.../Mas a vitória fulva esvai-se logo.../E cinzas,
cinzas só, em vez de fogo.../— Onde existo que não existo em
mim?/...../.....
..... /Um cemitério falso sem ossadas, /Noites
d'amor sem bocas esmagadas —/ Tudo outro espasmo que princípio ou fim... (SÁ-
CARNEIRO, 2006, p. 6).

Os três primeiros versos revelam uma tentativa de buscar algum sentido, alguma coisa na qual possa se sustentar, porém não encontrada nada, os versos seguintes sinalizam a importância da escrita como forma de significação da vida, como forma de dar sentido à existência. Escrever para Sá-Carneiro é uma forma de tentar se encontrar, na verdade a maior forma buscada pelo autor. A “luz harmoniosa” produzida por sua “espada” trata-se do ato criacional que por um breve instante confere solidez a uma vida cheia de incertezas. Quando afirma no oitavo verso “a vitória fulva esvai-se logo” a sensação de vazio toma de conta novamente e Sá-Carneiro cai mais uma vez num vazio. Essa incapacidade de fazer brilhar com firmeza e constância a sua escrita é uma das suas principais angústias, como revela Silva (2011, p. 55): “o sentimento que mais parece corroer o autor é a suposta e temida falha em relação a seu projeto artístico. A dúvida que existia em relação à capacidade de sua arte representar sua genialidade gerava imensa angústia”.

Acredito que a poesia de Sá-Carneiro tem a possibilidade de oferecer à psicologia uma visada diferenciada para a relação do homem com o mundo na Modernidade. O deslocamento, o sentimento de não pertencimento e de não localização da sua subjetividade como é visto no verso “Onde existo que não existo em mim?” nos fala de algo que é marcante atualmente, mas que é expressado por outra área, pela literatura, que compartilha com as angústias toda fluidez e incerteza, elementos estes, que são próprios da expressão literária.

Ao entender que o homem não existe se não numa relação com o mundo e que a consciência é um fluxo que intenciona fenômenos o mundo, não é possível compreender o sofrimento de Sá-Carneiro sem compreender a sua relação com o mundo que o cercava. Nasceu

em uma Portugal decadente, quintal europeu, anos atrasada em relação às novidades artísticas, esse atraso criou uma legião de poetas descontentes com o passadismo lusitano. Este ponto revela a importância da relação do sujeito com o mundo, o suicida não se volta exclusivamente para questões “internas”, a dimensão social da vida também afeta positiva ou negativamente a decisão de tirar a vida. Sá-Carneiro jamais se sentiu pertencente à cultura portuguesa tradicional, apesar de estar inserido nesse mundo. Como forma de escapismo, morou durante anos em Paris, lugar que para ele era mais significativo.

Sobre esta relação com seu lugar social Silva explica:

Nasceu também a necessidade de estar em contato com o mundo civilizado e se distanciar um pouco do marasmo lusitano. É nesse contexto que ganhou vida na periferia do mundo moderno europeu o poeta Mário de Sá-Carneiro e sua poesia do intermédio (SILVA, 2011, p. 49).

Poesia de intermédio, pois além do descontentamento com o mundo existia também o descontentamento consigo, com sua escrita, com sua vida e em especial com seu corpo. A sua existência estava entre ele o outro, como escreve em seu versos “Eu não sou eu, nem sou o outro/ Sou qualquer coisa de intermédio:/ pilar da ponte de tédio/ Que vai de mim para o Outro” (SÁ-CARNEIRO, 2006, p. 17).

Ainda nesta perspectiva da poesia sobre abrir mão da vida, temos outro poema emblemático que publicado no livro *Dispersão*, a poesia é intitulada *Vontade de dormir*. Como vemos a seguir:

Fios d’ouro puxam por mim/ A soerguer-me na poeira/ Cada um para o seu fim,/ Cada um para o seu norte...// -Ai que saudades da morte...// Quero dormir... ancorar...// Arranquem-me esta grandeza! -Pra que me sonha a beleza,/ Se a não posso transmigrar?... (SÁ-CARNEIRO, 2006, p. 9).

Neste poema o eu-lírico revela o seu desejo por descanso, descanso esse que não pode ser alcançado na vida. Nos primeiros versos percebemos a desagregação, sofre pressão de todos os lados, demandas aparentemente nobres “fios d’ouro” que exigem, cada uma, uma parte do sujeito que não se encontra mais em si mesmo, é pura dispersão. Ao afirmar que sente saudade da morte dá uma ideia de que já a conheceu, certamente não a morte biológica, porém a morte em outras dimensões da própria vida. O verbo ancorar retrata o desejo por estabilidade, segurança, permanência, elementos estes que uma vida à deriva não possui, o verbo dormir revela o descanso, a suspensão da consciência pensante, um desligamento. Mais uma vez a ideia de grandeza comparece em seus poemas, a exigência de ser maior, mesmo quando sabia que

era acima da média naquilo que fazia. Os últimos versos revelam o fracasso naquilo que para ele era mais caro, alcançar a beleza estética.

Mário de Sá-Carneiro, em seus poemas, foi capaz de afetar diversos alunos nos meus anos de docência. O próprio fato de ter cometido suicídio já desperta nos alunos um interesse que difere de aluno para aluno, mas que comungam do olhar de não naturalidade, há uma intencionalidade por parte dos alunos ao quererem ouvir a biografia de um gênio que se matou. Este interesse e afetação tornam-se maiores como os próprios alunos veem refletido em sua arte poética o cansaço da vida, o desejo de morte, o não pertencimento a este mundo e a solidão.

Quando trato deste autor, sempre tenho o cuidado de abordar sua obra sempre de um ponto de vista estético, sem provocar demais as angústias dos alunos, permito que cada um encontre-se com o texto e no texto, o labirinto da poesia promove caminhadas únicas, como veremos no capítulo a seguir.

5 O LEITOR: a construção da subjetividade por meio da leitura

Não compreendo a literatura como uma mera ferramenta, um instrumento prático de aproximação da Psicologia com a subjetividade humana. Antes, vislumbro uma conexão e uma contribuição da expressão literária para a compreensão do humano, mas sempre resguardando as diferenças e limitações de ambas. O texto literário torna-se mais uma das diversas expressões do ser humano, a linguagem criada e interpretada oferece aos profissionais de psicologia um olhar diferenciado, não excludente e ampliador daquilo que é próprio do sujeito, através das interpretações que este faz das obras. Sobre essa relação Freire (2008, p. 4) diz que a importância da literatura para a Psicologia

Se dá na compreensão da relação da literatura com o conhecimento psicológico, não no sentido de uma psicologia do texto ou do autor, ou mesmo da criação literária, mas da contribuição do texto literário para a formação de profissionais do humano e do cuidado com o humano.

Disto isto, compreendo a leitura enquanto campo de linguagem, no qual interagem texto, contexto e leitor possui capacidade de humanizar o sujeito. A materialidade linguística e os discursos presentes na obra literária ampliam o alcance do leitor, levando-o a dimensões, realidades, situações e vivências que o mesmo não teria na vida real. A amplificação dos sentidos, condição própria do texto literário, possibilita concretização de emoções e sentimentos que fora da leitura seriam meros conceitos. Sentir raiva de uma personagem, se entristecer, sentir empatia por algo que concretamente não existe concretiza os sentimentos, estes passam a existir efetivamente, mesmo que seus objetivos não existam na dimensão real da vida (SENGIK, 2015). Esclarecendo ainda mais esta contribuição da leitura de obras literárias Sengik afirma que “A leitura de uma obra literária, seja feita pelo próprio aluno, seja realizada por um mediador, oportuniza a construção de conhecimentos, implicando sempre a atribuição de significados ao mundo ficcional a partir da vida concreta do leitor/ouvinte” (SENGIK, 2015, p. 121).

Além disso, a leitura de obras literárias nos conduz a diversos âmbitos da vida, para além da obra em si. A leitura superficial e rasteira apenas arranha a superfície do texto e limite as possibilidades de amadurecimento do leitor. Ler e compreender nos leva a áreas mais profundas do texto e conseqüentemente alarga as relações do sujeito consigo mesmo e com o mundo. A afetação é de fundamental importância, pois sem se sentir provocado, intimado ou incomodado pelo texto, o leitor não irá adianta na caminhada árdua. É preciso que faça sentido para o leitor não o texto em si inicialmente, mas a necessidade da leitura daquela obra.

Não se trata de uma leitura moralizante, uma virtude pedagógica da leitura de obras literárias, mas de um encontrar-se consigo mesmo, uma visada do leitor no espelho distorcido, opaco que é a obra e se deparar com seus medos, receios e felicidades, ou mesmo com tudo aquilo que não é ele mesmo, mas que marca sua identidade pelo oposto. Nestes casos se identificar ou odiar as personagens são deformações, transformações de nós mesmos. Freire complementa o raciocínio afirmando que

Se a leitura nos deforma, isso pode se dar de das maneiras. Corrompendo-nos, ou seja, mudando para pior. Ou simplesmente, nos descaracterizando, que pode significar sair da forma (modo ou molde) original, da rigidez caracteriológica. Se a leitura nos transforma, isso implica em mudança, alteração ou modificação. Já não somos o que éramos (ou pensávamos) ou agora somos o que realmente somos, no sentido de que somos abertura para ser, porvir, devir (FREIRE, 2008, p. 5).

Essa afetação e modificação pode ser percebida de diversas formas em sala de aula quando propomos leituras profundas de obras ou trechos de obras literárias. Afetação não é necessariamente se interessar pela leitura, pode, inclusive, ser repulsa, desinteresse. Por diversas vezes recebi pedido de alunos para sair de sala pois não suportavam aquilo que o texto proporcionava de conhecimento sobre si mesmo. Poemas, narrativas que faziam tanto sentido para o aluno que tornava a leitura constrangedora a ponto do mesmo não suportar ficar em sala. O cuidado com o alcance da literatura deve sempre estar em vista, especialmente num ambiente escolar e no lugar de professor e não de psicólogo. O outro extremo também já aconteceu, a identificação ter sido tão forte com a leitura e a abertura de si por meio da obra gerou uma necessidade extrema de ler cada vez mais sobre aquele autor específico ou ler sobre aquele tema em especial. É nesta seara que se coloca a leitura de obras de autores suicidas nas quais manifestam esteticamente suas angústias sobre a morte voluntária. Pensar o alcance e a intensidade destas obras e leituras para construção e desconstrução das subjetividades dos alunos é pensar o poder de significação da vida a partir da literatura, num campo tão delicado que é o suicídio.

A leitura, neste contexto, pode ser entendida como experiência, como na sua origem etimológica, um *ensaio*, *tentativa*, de sair de si e alcançar o texto, numa intencionalidade. E essa perspectiva tira o sujeito da passividade de decodificar apenas a linguagem e entende-la apenas racionalmente. A leitura passa a ser sinônimo de existência. Freire (2008, p. 5) esclarece:

Há uma aproximação da noção de existência (ex-sis-tere) – mostrar-se, sair de-, o que nos coloca em um plano fenomenológico-existencial. O experiencial e o existencial da leitura remetem ao acontecimento de sair de si mesmo na direção da alteridade (do outro, do texto) ou, o que vem a ser a

mesma coisa, deixar-se perpassar pelo que vem de fora, afetar-se pela diferença: a experiência é o que nos passa, o que nos atravessa, o que nos acontece, o que nos toca.

Dessa forma a leitura é um abrir-se para o outro o texto, reconhecendo as possibilidades de relação entre o sujeito e o objeto, sem neutralidade, sem a tentativa de ser impessoal e apenas um decodificador do que está escrito. Antes, uma relação, uma dependência entre leitor e texto, pois sem a existência da intencionalidade de um, o outro não faria sentido isolado. Não podemos perder de vista os limites que a linguagem encerra e naturalmente os limites da linguagem literária. Apesar de não ser possível estudar a experiência pura e simples, descontextualizada e fora da linguagem, a experiência sempre será maior que a linguagem, esta não é capaz de dizer tudo sobre a experiência (DUTRA, 2011). No entanto esta limitação da linguagem não é algo negativo, o espaço aberto deixado pela linguagem será sempre preenchido pelo leitor, por aquele que ouve ou lê e se coloca, se implica tanto na narrativa que cria e empresta sentimentos para a obra. Ainda ressalto que dentre todos os tipos de linguagem, a conotativa é a mais ampla e livre de todas, neste ponto a literatura tem um alcance maior que qualquer outro tipo de texto meramente informativo. Como afirma Dutra, interpretando as reflexões de Walter Benjamin:

A narrativa tem a capacidade de suscitar, nos seus ouvintes, os mais diversos conteúdos e estados emocionais, uma vez que, diferentemente da informação, ela não nos fornece respostas, Pelo contrário, a experiência vivida e transmitida pelo narrador nos sensibiliza, alcança-nos nos significados que atribuímos à experiência, assimilando-a de acordo com a nossa (DUTRA, 2011, p.374).

Percebo assim que a leitura é uma estratégia de construção e evidenciamento da subjetividade que dialoga com a visada fenomenológica. A experiência humana, aqui vista sob o ponto daqueles se sentem afetados por obras que sinalizam aspectos do suicídio, é construída por meio daquilo que o leitor pensa e sente e expressa em linguagem. As obras literárias possibilitam, portanto, uma aproximação com o mundo vivido do outro levando em consideração a existência singular do sujeito.

São muitas as portas de entrada, as conexões entre o leitor e a obra, cada uma das possibilidades sinaliza um aspecto específico e único do sujeito que lê e se coloca diante do mundo através das experiências simbólicas possibilitadas pela literatura. Certa vez uma aluna, me procurou ao término da aula para segredar que se sentiu profundamente impactada pela obra que lemos parcialmente em sala, disse ao término da conversa que, a partir da leitura, compreendeu mais de si mesma do que da obra, porém reconheceu que isso só foi possível por contar da leitura.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta monografia tentei estabelecer possíveis diálogos entre a Psicologia e a Literatura, respeitando os limites de interação entre ambas, para melhor compreender o fenômeno do suicídio em seu espectro amplo. A Literatura tem muito a contribuir com o trabalho da Psicologia de buscar compreender o ser humano nas suas mais diversas dimensões, pois a expressão literária possibilita uma experiência que não necessariamente parte do mundo concreto, mas das construções de sentido que a linguagem literária permite. Esta visada busca diferenciar-se da visada cientificista da vida e dos fenômenos humanos, pois compreendo que o discurso científico possui suas limitações e ainda que seja eficiente em diversos aspectos não é o único. O ser humano é tão complexo que não pode ser vislumbrado a partir de apenas um ângulo. Como reconhece Ewald (2011, p. 31-32) ao afirmar que:

A experiência literária é parte da constituição subjetividade-mundo e é desta forma que ela aqui é apreendida, como parte fundamental do nosso horizonte de significação e, assim como nossos textos técnicos, elas são como vaga-lumes que com sua luz tênue iluminam caminhos com contornos pouco nítidos.

Parti para uma pesquisa bibliográfica a respeito do fenômeno do suicídio mais especificamente no Brasil, buscando dados e vivências que revelavam a relevância de um estudo sobre tal tema. Percebi, a partir do levantamento do Ministério da Saúde, que o índice de suicídio é alto e vem aumentando ao longo dos anos, mas o que mais chamou a minha atenção foi que o suicídio está se tornando mais frequente entre os jovens. Minhas vivências em sala de aula endossam estes dados, pois ao passar dos anos ouvi relatos cada vez mais frequentes sobre o suicídio e suas nuances: pensamentos suicidas, automutilação, tentativas de suicídio e suicídios em si. Esta realidade que saltava aos meus olhos me fez perceber que dentro da expressão literária havia um lugar de diálogo entre os que sofriam e sinalizavam aspectos do suicídio e obras que tratavam do tema. Busquei aqui refletir sobre essa possível relação e lancei mão de conhecimentos do âmbito da literatura sobre o tema suicídio na literatura e o que foi evidenciado é que ao longo da história da Humanidade o suicídio foi um tema recorrente e presente em grandes clássicos, como os de Shakespeare, por exemplo, sinalizando a sua relevância não apenas para a Psicologia, mas para o ser humanos de maneira geral.

A experiência a partir da leitura também foi foco das reflexões deste estudo, leitura essa que abre espaço para a (re) significação da vida a partir das obras literárias. O leitor quando é capaz de estabelecer uma conexão com o texto, lembrando que conexão não se trata de se agradar do texto, gostar do texto, mas ser afetado por ele, o leitor amplia sua visão sobre o

mundo e sobre si mesmo. O impacto que uma obra tem sobre um leitor é proporcional ao impacto que as reflexões que o leitor produz tem sobre sua própria vida. A obra precisa ser impactante, ser a mesma passa despercebido, não gera um efeito expressivo, apesar de ainda assim, ser capaz de revelar traços da existência do sujeito. Franz Kafka, prosador russo, revela a força que um livro deve ter na vida de um sujeito:

De modo geral, acho que devemos ler apenas os livros que nos cortam e nos ferem. Se o livro que estivermos lendo não nos desperta como um golpe na cabeça, para que perder tempo lendo-o, afinal de contas? Para que nos faça feliz, como você escreveu? Meu Deus, poderíamos ser tão felizes assim se nem tivéssemos livros; livros que nos alegam, nós mesmos também poderíamos escrever num estalar de dedos. Precisamos, na verdade, de livros que no toquem como um doloroso infortúnio, como a morte de alguém que amamos mais do que a nós mesmos, que nos façam sentir como se tivéssemos sido expulsos do convívio para as florestas, distantes de qualquer presença humana, como um suicídio. Um livro tem de ser o machado que rompe o oceano congelado que habita dentro de nós” (KAFKA *apud* FISCHER, 2006, p. 285).

Portanto, Psicologia e Literatura são áreas privilegiadas de compreensão do humano e o livro é um instrumento fecundo que possibilita diversas reflexões como expressão de linguagem de quem escreve e como possibilidade interpretativa de quem lê e constrói outros sentidos. O suicídio como tema na literatura e do próprio suicídio enquanto ato é um fenômeno que merece a atenção das diversas camadas da sociedade. O olhar preconceituoso deve ser substituído por uma postura mais compreensiva e reflexiva, por se tratar de algo tão complexo não é possível estabelecer relações lógicas e simplistas. O preconceito gera distância, os sujeitos que estão inclinados ao ato sentem-se incompreendidos e alijados, neste ponto a literatura é capaz de estabelecer comunicação e sua importância se dá nesse sentido também. Ortega y Gasset (2005, p. 25-26) tece uma reflexão pertinente ao afirmar que:

Um drama agrada à pessoa quando esta conseguiu interessar-se pelos destinos humanos que lhe são propostos. Os amores, ódios, dores, alegrias das personagens comovem o seu coração: participa deles, como se fossem casos reais da vida. E diz que é ‘boa’ a obra quando esta consegue produzir a quantidade de ilusão necessária para que as personagens imaginativas valham como pessoas vivas.

Quando o leitor, que padece com a ideia da morte voluntária, se conecta com uma obra literária, uma porta de comunicação se abre.

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. São Paulo: Ebook Brasil, 2003. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/divinacomedia.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

AMARAL, Lara Luiza Oliveira Amaral. A arte de morrer: a poética do suicídio em Sylvia Plath. **Revista Estação Literária**, Londrina, v. 20, p. 244-257, mar. 2018. Disponível em: <www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/30809>. Acesso em: 30 nov. 2018.

ANDRÉ, Willian. Sobre o conceito de suicídio. **Revista Estação Literária**, Londrina, v. 20, p. 154-174, mar. 2018. Disponível em: <www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/30809>. Acesso em: 30 nov. 2018.

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França. São Paulo: Cultrix, 1977. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=1949153>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Suicídio: saber, agir e prevenir - Perfil epidemiológico das tentativas e óbitos por suicídio no Brasil e a rede de atenção à saúde. **Boletim Epidemiológico**, v. 48, n. 30, 2017. Disponível em: <<http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil-epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-atencao-a-saude.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

_____. Suicídio: saber, agir e prevenir. **Folheto jornalístico**, 2017. Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/campanhas/Prevencao_do_suicidio_2017/folheto_Suicidio_PublicoGeral_150x210.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2018.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?**. Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. [digitalizado].

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

DURKHEIN, Émile. **O suicídio**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

DUTRA, Elza. Pensando o suicídio sob a ótica fenomenológica hermenêutica: algumas considerações. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 17, n. 2, p. 152-157, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000200006>. Acesso em: 30 nov. 2018.

EWALD, Ariane P. (Org.). **Subjetividade e literatura: harmonias e contrastes na interpretação da vida**. Rio de Janeiro: Nau, 2011.

FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v.4, n.2, p. 35-47, jun. 2003. ISSN: 1517-2539. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/620>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. 1. ed. Trad. Claudia Freire. São Paulo: UNESP, 2006.

FREIRE, José Célio. Literatura e psicologia: a constituição subjetiva por meio da leitura como como experiência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 60, n. 2, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672008000200002>. Acesso em: 01 dez. 2018.

GOMES, Juliana Oliveira. Suicídio e internet: análise de resultados em ferramentas de busca. **Psicologia e Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 63-73, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822014000100008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 01 dez. 2018.

GUIMARÃES, Aquiles Cortes. Uma aproximação aos conceitos básicos da fenomenologia. **Fenomenologia e Psicologia**, v. 1, n.1, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/fenomenolpsicol/article/view/1353>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

HUSSERL, Edmund. Fenomenología – De la enciclopedia británica. In: _____. **Invitación a la fenomenología**. Barcelona: Paidós, 1992. p. 35-73. Disponível em: <<http://www.posgrado.unam.mx/musica/lecturas/LecturaIntroduccionInvestigacionMusical/epistemologia/Husserl%20El-Articulo-Fenomenologia-de-La-Enciclopedia-Britanica.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

_____. A ingenuidade da ciência. **Scientiæ Zudia**, São Paulo, v. 7, n. 4, p. 659-67, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662009000400008>. Acesso em: 30 nov. 2018.

PETRY, Cassionei Niche. O suicídio na literatura. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 37 n. 62, p. 235-241, jan./jun., 2012. ISSN 1982-2014. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

ORTEGA y GASSET, José. A desumanização da arte. Trad. Ricardo Araújo. São Paulo: Cortez, 2005.

POLIDÓRIO, Valdomiro. Análise de algumas características da personagem hamlet da peça homônima de William Shakespeare. **Revista Entrelinhas**, v. 7, n. 2, jul./dez. 2012. ISSN 1806-9509. Disponível em: < revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/2449 >. Acesso em: 28 nov. 2018.

RODRIGUES, Geisi Mara. **Trauma, literatura de testemunho e suicídio**: traduções possíveis. Dissertação (mestrado) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá. Maringá: UEM, 2013. Disponível em: < <https://docplayer.com.br/6934976-Trauma-literatura-de-testemunho-e-suicidio-traducoes-possiveis.html> >. Acesso em 20 nov. 2018.

SENGIK, Aline Sberse; RAMOS, Flávia Brocchetto. Literatura como instrumento de discussão acerca da morte. **Psic. da Ed.**, São Paulo, 41, 2º sem. 2015, p. 119-126. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1414-69752015000200009 >. Acesso em: 30 nov. 2018.

SHAKESPEARE, Wiliam. **Romeu e Julieta**. 2000. [digitalizado].

SILVA, Felipe Vale; COSTA, Sabrine Ferreira da. O heroísmo impossível dos suicidas: um estudo das motivações de Werther. **Revista Leitura**, Maceió, v. 1, n. 60, p. 69-86, jan./jun. 2018. ISSN 2317-9945. Disponível em: < www.seer.ufal.br > Capa > v. 1, n. 60 (2018) > Silva>. Acesso em: 28 nov. 2018.

SILVA, Jaqueline Fernandes da. **A imagem do suicídio nos versos de Mario de Sá-Carneiro**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2011. Disponível em: < www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/.../2011_JaquelineFernandesdaSilva_Vorig.pdf >. Acesso em: 01 dez. 2018.

SÓFOCLIS. **Rei Édipo**. Trad. J. B. de Melo e Sousa, 2005. [digitalizado].